



HÉLIO LOUREIRO

O autor escreve segundo o antigo acordo ortográfico

Agasalho de Saudade

“Onde estiver um transmontano está qualquer coisa de específico, de irreduzível. Porque, mesmo transplantado, ele ressuma a seiva de onde brotou. Corre-lhe nas veias a força que recebeu dos penhascos, hemoglobina que nunca se descora”
Miguel Torga



Fazer pequenas pausas no meio da vida agitada que passa tão rápido sem nos dar tempo para dela retirarmos o melhor que nos é dado, é coisa com que luto e, por vezes, ganho.

Dois dias antes do Natal rumei até Boticas, poderia ter andado na azáfama das compras na baixa do Porto, mas não, fui até Trás-os-Montes saciar o apetite num belíssimo cozido no Hotel Rio Beça, que o Abel serve como muito poucos.

O anfitrião foi o meu muito amigo Albano Álvares, Presidente da Cooperativa Agro Rural de Boticas, cujo trabalho passa pela promoção e valorização dos produtos locais e de toda a região trasmontana.

Claro que, lá estando, trouxe couves (penca) grelos, batatas de montanha e nabos para a Ceia de Natal, acolitado de chouriços, salpicão, azeite, vitela Barrosã, vinho da Quinta do Arcossó, não seria preciso deslocar-me para que pudesse desfrutar destes prazeres agrícolas e únicos daquela região, pois a Cooperativa há muito tempo que faz entregas. Mas, em verdade, fui à procura de alguma paz, ainda que por breves instantes, numa semana sempre agitada e mais que tudo matar saudades daquele “Reino Maravilhoso” que como descreveu Miguel Torga “fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos”.

Sendo descendente pelo lado materno de trasmontanos, uma ida lá equivale a uma terapia no melhor SPA do mundo.

São as suas Gentes, aquele frio, os montes que nos abraçam, aquela água que canta nas torrentes dos caminhos, as recordações da lareira acesa e do fumeiro dependurado, do cheiro do braseiro, das longas conversas enquanto o crepitar da madeira nas labaredas faz a música de fundo num filme que foi a minha infância e do qual

guardo a melhor das recordações, que me fazem ir até “lá em cima”, sim “até lá em cima” como se fosse ao paraíso.

Depois, depois são os momentos únicos com o meu amigo Albano, que vive como poucos as suas origens, a sua terra, entregando-se desde sempre à valorização dos seus produtos, da cultura, fazendo com que os que partem fiquem com vontade em regressar, tentando há décadas criar riqueza naqueles lugares por vezes esquecidos.

Hoje está na moda a palavra resiliência, no entanto ela sempre foi a forma de estar dos transmontanos. Um dia a minha tia disse-me “tu nunca digas a ninguém que és descendente de trasmontanos” e eu, incrédulo com o que ela dizia, questionei: “mas porquê tia? Tenho tanto orgulho”. Olhando-me nos olhos com sorriso maroto retorquiu: “é que ficam com inveja”. Rimo-nos os dois e entendi, entendi que ser transmontano é estar sempre em luta, nunca estar conformado, ser lutador como aqueles que habitam em Barroso e fazem daquelas terras Património Mundial Agrícola e que nunca deixaram de acreditar que o futuro está na agricultura e no retorno à Terra.

Sim, por isto tudo eu quando preciso de Paz de me sentir ligado às origens lá vou eu por aí acima, como que subindo às árvores em busca dos ninhos, estando mais perto do céu, estou mais dentro de mim.

Espero que lhe tenha aguçado o apetite, não apenas para ir comer e beber nestes deliciosos lugares de paisagens únicas e Gente ímpar, que quando batemos à porta dizem “entre, quem é” dando mais apreço ao acolhimento do que ao estatuto de quem o visita.

Agora tenho que lá regressar em breve... As alheiras já estão no ponto! Faz frio? Faz. Mas ele é o meu agasalho da saudade.